

Brasília celebra seu presidente

Ivaldo Cavalcante

Luiz Artur Toribio

Não foi um cortejo fúnebre no sentido clássico. Foi uma celebração cívica, política e popular, com muita saudação à vida e à democracia. Até parece que toda a frustração popular contida, desde a fatídica noite de 14 de março, explodiu ontem nas ruas de Brasília, mais em Brasília do que São Paulo. Tendo o corpo de Tancredo Neves como símbolo, o povo brasileiro deu seu aval à Nova República. E um voto de confiança nos novos líderes da República.

"É uma verdadeira apoteose ao homem público", disse boquiaberto o líder do PMDB no Senado, senador Humberto Lucena. "Eu nunca assisti coisa igual", confessou, perplexo, o senador José Frageli, presidente do Congresso Nacional. "Para enfrentar uma manifestação como esta, é preciso ter coração de aço. Ela ficará na história como a maior homenagem brasileira a um homem público. Estávamos assistindo a um acontecimento histórico", confirmou o cético deputado Ulysses Guimarães.

Para o senador Fernando Henrique Cardoso, a manifestação em torno do corpo do presidente Tancredo Neves no eixão Sul foi "sem igual".

"O que mais me impres-



Mesmo na dor e no patriotismo, a descontração dos jovens

siona — disse Fernando Henrique de dentro de um automóvel — é que o povo chega perto da gente e diz sem a menor cerimônia: "Não vão trair o que ele fez, nós confiamos em vocês!" O povo está fazendo a transferência de apoio. É preciso ser mais duro nos objetivos. Não podemos transigir, temos que ir em frente".

O governador Hélio Garcia, de Minas Gerais, também estava impressionado com a vitalidade demonstrada nas ruas pelo povo brasileiro: "o grande líder era querido. Ele é insubstituível", disse. Já o governador Leonel Brizola, ora vaiado, ora aplaudido pela

multidão, também via na manifestação sinais de um novo tempo: "a época é diferente. É uma nova etapa da nossa vida pública".

O outro governador presente no cortejo-celebração era Franco Montoro, de São Paulo, que chegou a captar "alegria" na multidão: "É a consagração da tese de Tancredo. Tese da união nacional, da conciliação nas ruas. O povo está clamando, quer mudanças. O povo vê o fim dos autoritarismos, das violências, que Tancredo selou com seu próprio sangue. E o povo está alegre com isso".

Parece que toda a população brasileira foi ao Eixão ver

Tancredo Neves passar. Além da população ativamente política, estavam lá também os não políticos: crianças, jovens, velhos, cachorros, todos os motociclistas e suas namoradas. Um rio de multidão de alguns quilômetros, formando uma vibrante corrente humana de confiança no Brasil.

As pessoas estavam à vontade. Roupas coloridas, de preferência verde-amarela. Gritavam palavras de ordem política: "O povo nas ruas. A luta continua!". Mas cantavam também. Balançavam bandeiras. Bandeiras Nacionais. Muitas. Bandeiras que foram confeccionadas para disputas esportivas. Muitas. A multidão jogava flores e ramos de arlequim, de oliveira, de eucalipto. Flores amarelas e vermelhas. Quem não tinha bandeira, balançava lençóis, lençóis brancos. Buzinadas. Saudações. Crianças por todas as partes. Casais de namorados.

— Deixa que nós vamos tomar conta do presidente! gritava uma jovem, enquanto o cortejo — um tanque Urutu levava o corpo do presidente Tancredo Neves e era seguido por quinze carros oficiais — não andava, enroscado na multidão.